

GEOGRAFIA DOS SONS COTIDIANOS: AS SONORIDADES DO CALÇADÃO DE LONDRINA, PARANÁ

Geography of everyday sounds: the sounds of the boardwalk of Londrina, Paraná

Lawrence Mayer Malanski¹

RESUMO

No contexto dos sons urbanos, objetivou-se interpretar, fundamentado em uma perspectiva geográfica, as sonoridades do Calçadão da cidade de Londrina resultantes de diversas atividades que nele se manifestam cotidianamente a fim de estabelecer relações entre eles, os usos e as formas de organização espacial. Para tanto, realizou-se trabalhos de campo no decorrer dos anos de 2016 e 2017, nos quais foram utilizados os métodos de caminhadas sonoras e de entrevistas com sujeitos responsáveis pela emissão de sons percebidos no Calçadão. Os resultados da interpretação revelam que muitos dos sons presentes no Calçadão têm suas propriedades físicas intencionalmente manipuladas por diferentes sujeitos e grupos que atuam diariamente tanto nos espaços públicos do Calçadão quanto nos espaços privados em sua proximidade como estratégias para marcar, ambientar e demarcar espaços vividos. Essas manipulações resultam em invasões de espaços e nas sobreposições de espaços apropriados, motivando a ocorrência de disputas e conflitos envolvendo diferentes sujeitos e grupos.

Palavras-chave: Espaços vividos. Sons do cotidiano. Calçadão de Londrina.

ABSTRACT

In the context of urban sounds, the objective was to interpret, based on a geographical perspective, soundings of the Boardwalk of the city of Londrina, resulting from various activities that are manifested daily in order to establish relations between them, uses and as forms of spatial organization. For that, field work was carried out during the years 2016 and 2017, in which the methods of sound walking and interviews with subjects responsible for the emission of sounds perceived in the Boardwalk were used. The results of the interpretation reveal that many of the sounds present in the Boardwalk have their physical properties intentionally manipulated by different subjects and groups that act daily in the public spaces of the Boardwalk as well as in the private spaces in their proximity as strategies to mark, to settle and to demarcate lived spaces. These manipulations result in invasions of spaces and in the overlaps of appropriate spaces, motivating the occurrence of disputes and conflicts involving different subjects and groups.

Keywords: Living spaces. Everyday sounds. Boardwalk of Londrina.

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. Docente do Instituto Federal do Paraná (IFPR) campus Londrina e membro do Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão em Ciências Humanas (CEPECH). lawrence.malanski@ifpr.edu.br.

✉ Instituto Federal do Paraná, Rua João XXIII, n. 600, Judith, Londrina, PR. 86060-370.



INTRODUÇÃO

Considerados, por vezes, ruídos homogêneos, repetitivos e sem significados, os sons das cidades, mais do que isso, são partes das expressões culturais, simbólicas e práticas que constituem ritmos temporais, marcam ações e dinamizam a vida cotidiana. Nesse contexto, as ruas, ocupadas diariamente por sujeitos e grupos que as utilizam para o desenvolvimento das mais diversas atividades, conformam-se como lugares significativos na dinâmica social que demonstram práticas que compõem o cotidiano e que reorganizam os espaços onde ocorrem.

No âmbito da Geografia, as maneiras de habitar as cidades e os modos como sujeitos e grupos se inserem e experienciam a vida cotidiana têm importância significativa. Nesse sentido, essas experiências, tais como as relações e intersecções delas com as experiências de outros sujeitos, são entendidas como reveladoras de aspectos relevantes de como as pessoas vivem nos espaços. Sendo os sons parte do cotidiano, objetiva-se expor resultados de uma interpretação fundamentada na perspectiva geográfica cultural dos sons que se manifestam diariamente na rua a fim de estabelecer relações entre eles, os usos e as formas de organização espacial.

Para tanto, realizou-se um estudo de caso do Calçadão da Avenida Paraná, uma rua predominantemente comercial, dedicada ao trânsito de pedestres localizada no Centro Histórico da cidade paranaense de Londrina. Desenvolvida como consequência das experiências dos sons, a pesquisa envolveu, sobretudo, trabalhos de campos exploratórios realizados ao longo dos anos de 2016 e 2017, nos quais foram utilizados os métodos de caminhadas sonoras com a gravação de panoramas e entrevistas semiestruturadas.

Neste artigo, apresenta-se, primeiramente, as perspectivas teóricas que guiaram a interpretação dos sons, elaboradas com base em revisão

bibliográfica. Em seguida, caracteriza-se o Calçadão de Londrina e expõe-se os métodos utilizados em campo. Por fim, apresenta-se os resultados da interpretação realizada dos sons cotidianos.

PERSPECTIVAS TEÓRICAS: OS ESPAÇOS VIVIDOS E OS SONS QUE OS PREENCHEM

A vida cotidiana, conforme Agnes Heller (1985), é a vida dos sujeitos. Nela se colocam em funcionamento todos os sentidos e sentimentos, todas as capacidades intelectuais, práticas, habilidades manipulativas, paixões, ideias e ideologias dos sujeitos. No entanto, a vida cotidiana é também coletiva, formada pela atividade social sistematizada, pela organização do trabalho e da vida privada, além de pelo lazer, descanso e trocas. Ela se desenvolve em espaços vividos, isto é, em porções espaciais conhecidas intimamente onde confluem e são compartilhadas experiências e se desenvolvem práticas e ações rotineiras e efêmeras (HOLZER, 2013; RELPH, 2014). Logo, esses espaços, tanto funcionais quanto simbólicos, configuram-se como *locus* da vida cotidiana, nos quais ocorrem as relações existenciais dos sujeitos com a terra e que definem a geograficidade (DARDEL, 2011; SERPA, 2013).

Conforme Jean-Paul Thibaud (2014), qualquer situação da vida cotidiana consiste em um conjunto heterogêneo de expressões (como os sons) que, combinados, correspondentes e interpenetrados de diferentes modos ambientam os espaços vividos. Assim, as ambiências conferem a esses espaços valores afetivos e simbólicos. Também, pode-se produzir ambientações a partir de eventos específicos, excepcionais e extraordinários, como festivais musicais, eventos esportivos, festas entre outros.

Ainda, a vida cotidiana justapõe esferas mais ou menos hierarquiza-

das de espaços privados e públicos, sendo as cidades, especialmente, marcadas pelas tensões existentes entre essas duas formas (CLAVAL, 2014). Além do mais, as práticas diárias se inscrevem em processos simbólicos de compartilhamento e apropriações dos espaços de acordo com ritmos urbanos e a acessibilidade (SERPA, 2016). Tais práticas não conduzem, necessariamente, ao fim da intimidade, pois as relações estabelecidas, principalmente, nos espaços públicos se caracterizam como funcionais, limitadas e impessoais, o que garante a manutenção da distância e torna suportável a proximidade espacial (INNERARITY, 2010). De todo modo, são as práticas diárias de sujeitos e grupos que impõem limites e usos aos espaços (HAESBAERT, 2004; HEIDRICH, 2008).

As apropriações, conforme Angelo Serpa (2016) dividem os espaços vividos em justaposições de espaços apropriados / privatizados em virtude de lógicas aparentemente contraditórias e que produzem, algumas vezes, concorrências e conflitos entre pessoas e grupos. Nesse sentido, as relações entre sujeitos e espaços podem se desenvolver com base na utilização compatível com as intenções originais e as diretrizes impostas, nas apropriações que não consideram tais intenções e diretrizes, ocasionando conflitos de usos, e nas transgressões graves, que transformam os espaços em locais de delitos e incivildades.

Os sons, por sua vez, são fisicamente causados por vibrações em meios e superfícies circundantes, as quais os ouvidos não respondem sozinhos (INGOLD, 2008). Eles resultam de ações e movimentos de fontes naturais (geofonia), animais (biofonia), pessoas e sociedades, suas técnicas e tecnologias (antropofonia) (INGOLD, 2008; KRAUSE, 2013). Não obstante, a esquizofonia separa no tempo e no espaço os sons de suas fontes originais por meio, sobretudo, de equipamentos eletroacústicos como o gravador, rádio e a televisão, sendo que, a partir

dela, muitos sons passam a ter existências amplificadas (SCHAFER, 2011).

É possível descrever as propriedades físicas dos sons tomando por base suas alturas, durações, timbres, intensidades e espacialidades (WISNIK, 2002; GARCIA; MARRA, 2016). Sobretudo essas duas últimas podem ser manipuladas intencionalmente com a finalidade de lotear e dominar o espaço, inserindo nele um limite, por vezes, temporário. Nesse sentido, a intensidade se relaciona ao grau de energia de uma onda sonora e admite classificar um determinado som em fraco ou forte (em decibel-dB), enquanto a espacialidade corresponde aos procedimentos como a disposição das fontes sonoras, a reverberação no espaço e a direção de propagação que tornam possível controlar o alcance de certos sons.

Também, os sons são capazes de confiar aos ouvidos mensagens que devem ser conduzidas e depois decifradas pela consciência de modo a reproduzir um pensamento de mundo (MERLEAU-PONTY, 2011). De tal modo, eles variam em função tanto de suas fontes quanto de seus ouvintes, sendo que estes atribuem sentidos aos sons percebidos como consequências de suas perspectivas, movimentos e experiências biográficas e sociais (CASALEIRO; QUINTELA, 2008). Nesse sentido, por exemplo, o que para uma pessoa pode significar ruído, para outra pode ser um som repleto de significados, uma vez que a intencionalidade está no sujeito e no contexto social que lhe dá sentido (ou não) (KRAUSE, 2013; LA BARRE, 2014). Portanto, os sons nunca são fenômenos neutros, pois estão envoltos por subjetividades (ARKETTE, 2004).

Murray Schafer (2011) propôs que, ao serem ouvidos, os sons são organizados mentalmente conforme a perspectiva de figura e fundo tratada pela teoria da Gestalt. Essa relação dinâmica da percepção envolve um sujeito e um objeto sobre outros objetos, na qual um

determinado objeto intencionado somente pode ser percebido se estiver em meio a outros (MERLEAU-PONTY, 2011). Ao possuírem significados e a partir dessa relação, os sons de figura podem ser entendidos como signos, sinais e símbolos, enquanto os de fundo como sons fundamentais (SCHAFER, 2011). Estes são ouvidos continuamente por membros de uma sociedade e desempenham função essencial na maneira como ela se expressa, no entanto, são, comumente, relacionados aos ruídos, sobretudo, nas cidades. Nesse sentido, naturalmente, há a impossibilidade de uma cidade espelhar sons agrários, assim como a de um ambiente agrário espelhar sons urbanos, por exemplo (ARKETTE, 2004). Já os signos possuem significados referenciais e adicionam sistemas de valores culturais, enquanto os sinais correspondem aos sons que se sobressaem por terem significados específicos e por comumente atraírem a atenção dos ouvintes (SCHAFER, 2011). Logo, frequentemente, os sinais estimulam respostas comportamentais diretas e permitem a transmissão de mensagens aos sujeitos capazes de interpretá-las.

Os símbolos sonoros, por sua vez, possuem conotações mais ricas, pois são capazes de despertar emoções e pensamentos nos ouvintes (SCHAFER, 2011). Ainda, por marcarem noções de tempo e preservarem memórias e elementos da história local, eles possuem forte carga simbólica e capacidade imagética (ARKETTE, 2004). Desse modo, esses símbolos se configuram como marcos sonoros e se inserem em contextos e espaços de importâncias históricas e sociais (SCHAFER, 2011). Por vezes, os marcos sonoros conformam enclaves em meio aos espaços, e representam contradições em contraste com os demais sons do entorno (ARKETTE, 2004).

Além disso, conforme Barry Truax (1984), esses marcos desempenham funções marcantes na vida de sujeitos de modo a estabelecerem comunidades acústicas. Esse tipo de comunidade

envolve escalas espaciais variadas e, nele, sons projetados com a intenção de comunicar informações mantém os membros em contato com os acontecimentos diários. Conseqüentemente, esses sons têm importância significativa na definição espacial, temporal, sazonal, social e cultural de uma comunidade e, frequentemente, relacionam-se às suas instituições dominantes.

Já os sons que se destacam com frequência por suas intensidades fortes e que são utilizados com o objetivo de apropriar frações dos espaços e atrair a atenção das pessoas podem ser entendidos como imperialistas (SCHAFER, 2011). Assim, por exemplo, conforme Schafer (2011, p. 115), “[...] um homem com um alto-falante é mais imperialista que outro que não o possui”. Em casos como esse, a tecnologia permite aos sujeitos controlarem os espaços aos seus alcances e, então, possibilita que interfiram nos comportamentos e até mesmo nas preferências dos ouvintes (DROUMEVA, 2004).

De todo modo, entende-se que os sons preenchem e identificam os espaços vividos, representando expressões de pertencimento e reconhecimento e firmando, desse modo, marcas e identidades de sujeitos e grupos (SALGUEIRO, 2001). Logo, eles compõem uma das dimensões espaciais, trazendo características que conferem personalidade e evocam enraizamentos de práticas e sentidos (CONSTANTINO; FERREIRA, 2005; VEDANA, 2010; LA BARRE, 2014).

Conforme Claire Guiu (2007), especialmente as músicas constituem marcadores espaciais e seus significados dependem dos contextos aos quais estão associadas. De modo geral, pode-se categorizá-las de acordo com seus gêneros em comerciais, políticas ou sociais. No âmbito das ambientações de consumo, as músicas podem ser reproduzidas como estratégia de propaganda, sendo capazes de atrair os clientes pretendidos e, simultaneamente, afastar os que não se enquadram no perfil desejado baseado em repertórios diversos (GUIU, 2007;

GARCIA; MARRA, 2016). Desse modo, elas influenciam na formação de estereótipos, sentimentos de pertença e representações.

Nas cidades, a maior parte dos sons pertence a alguém e é utilizada para atrair a atenção de outras pessoas ou para vender algo. Há também as sonoridades mecânicas, ritmadas, de cadências contínuas e rotineiras dos motores dos veículos e equipamentos eletrônicos, normalmente, associadas aos ruídos de fundo (FORTUNA, 1998; SCHAFER, 2011). Os sons urbanos atravessam os espaços e compõem expressões culturais, simbólicas e práticas que dinamizam e conduzem acontecimentos da vida cotidiana de sujeitos e grupos. Logo, por pressuporem ações e movimentos, por vezes rítmicos e cíclicos, os sons marcam e influenciam ritmos temporais e espaciais, demonstrando diferenças significativas como entre as horas e os períodos do dia, as horas e dias de trabalho e descanso, ou mesmo, as condições do tempo (TRUAX, 1984; ARKETTE, 2004; INGOLD, 2008).

Ainda nas cidades, os sons ultrapassam os limites tradicionais que opõem espaços públicos e privados, contribuindo com a indistinção entre essas dimensões (FORTUNA, 2013; LA BARRE, 2014). Quando intencionalmente manipulados, instrumentalizados e utilizados em ambientações voltadas, especialmente, para o consumo, eles remetem às privatizações de espaços públicos, o que fornece acesso indireto e a distância ao que se desenvolve nos interiores dos espaços privados (LA BARRE, 2014). Isso cria tensões e disputas que revelam transformações sociais e espaciais que redefinem os limites nas cidades (ARKETTE, 2004; GUIU, 2007). Desse modo, sobretudo o imperialismo sonoro é capaz de instalar uma "batalha acústica" na qual vence o mais forte (CORBIN, 1998² apud ARKETTE, 2004; CONSTANTINO; FERREIRA, 2005).

2 CORBIN, A. **Village bells**: sound and meaning in the 19th century French countryside. New York: Columbia University Press, 1998.

O CALÇADÃO DE LONDRINA

Situado no Centro Histórico de Londrina, município com cerca de 550 mil habitantes localizado na região norte do estado do Paraná, o Calçadão da Avenida Paraná é um tipo de espaço público dedicado ao trânsito de pedestres e aberto à entrada e circulação das pessoas em qualquer dia e horário. Ao longo de seus 650 metros de extensão, concentram-se cerca de 60 estabelecimentos comerciais e de serviços populares nos andares térreos dos espaços privados, dentre as quais se destacam lojas de departamentos, roupas, calçados, bijuterias e telefonia móvel, assim como farmácias e agências bancárias. Nos andares superiores das edificações predominam escritórios e moradias.

Historicamente, a Avenida Paraná se conformou como uma avenida principal da cidade, tornando-se essencial para a economia londrinense. Já o Calçadão, desde sua construção e inauguração em 1977 em um trecho dessa avenida, passou por diversas mudanças em sua estrutura física, sendo estendido por duas quadras e tendo seu mobiliário e piso trocados. Atualmente, ele possui cinco quadras e três praças integradas, sendo cortado por seis ruas pelas quais trafegam automóveis e pedestres. Estima-se que, durante um dia de semana, circulem pelo Calçadão cerca de 30 mil pessoas (LONDRINA, 2016).

Além de ser um espaço de circulação e passagem, as características físicas do Calçadão favorecem a ocorrência de diversas experiências, atividades, relações e interações sociais cotidianas. Isso faz com que seus espaços sejam construídos, organizados e recriados por grupos diversos definidos por perfis econômicos, culturais, políticos, étnicos e religiosos, sendo marcados, também, pelas tensões que envolvem o privado e o público. Ainda, a proximidade do Calçadão de outros espaços característicos e de convergência de Londrina (como a Catedral, um terminal de ônibus do transporte coletivo e o Cine Teatro Ouro Verde) e os significados sociais a ele atribuídos, conferem identidade ao local e o destacam dentre as imagens da cidade.

Contudo, por se relacionar diretamente com os usos e as atividades desenvolvidos nos edifícios e outros espaços limítrofes ou próximos, o Calçadão é marcado por períodos polarizados entre a agitação e a monotonia em razão, sobretudo, dos dias e horários de funcionamento das lojas. Consequentemente, os sons que preenchem o Calçadão variam no tempo e no espaço influenciados pela agitada vida cotidiana que se desenvolve nos períodos diurnos dos dias de semana. Durante esses períodos, sobrepõe-se na Avenida, principalmente, o burburinho dos pedestres, os sons emitidos pelos motores dos automóveis, pelos aparelhos e caixas amplificadoras de som instalados nos espaços de transição entre a Avenida e os interiores dos estabelecimentos, pelos artistas de rua e evangelizadores. Essa agitação, contudo, opõe-se à “calmaria” dos períodos noturnos e ao “silenciar” dos domingos e feriados (PANTALEÃO; ROMERO, 2008; UEL SONORA, 2018).

Ademais de seus espaços históricos, físicos, simbólicos e dos usos sociais coletivos, a configuração multidimensional do Calçadão envolve, também, domínio público. Nesse sentido, por exemplo, os usos dos sons presentes no Calçadão são fiscalizados pela prefeitura com base em leis municipais, como o Código de Posturas (Lei nº 11.468/2011) e a “Lei do artista de rua” (Lei nº 12.230/2014), que, dentre outras coisas, proíbem a perturbação do sossego com sons considerados em volumes excessivos e que poderiam ser evitados, prevendo multas e ações penais aos infratores, e regulamentam apresentações de artistas em logradouros públicos (LONDRINA, 2011; 2014).

MÉTODOS DESENVOLVIDOS EM CAMPO E AJUSTES DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS

Considerado na escala do espaço vivido, estudou-se o Calçadão de Londrina com base em experiências intencionais e intersubjetivas do espaço e tempo. Para tanto, foram realizados trabalhos de campo em

diferentes horários, períodos, dias da semana e meses dos anos de 2016 e 2017, com a finalidade de explorar e experienciar os espaços do Calçadão em ocasiões e contextos distintos da vida cotidiana. Neles, utilizou-se os métodos de caminhadas sonoras e entrevistas semiestruturadas com apoio dos recursos de gravações de panoramas sonoros, fichas de observações, fotografias, roteiro e gravação de entrevistas (MALANSKI, 2018).

As caminhadas sonoras se caracterizam como excursões exploratórias cujo principal objetivo é ouvir com atenção os sons dos espaços (WESTERKAMP, 2007). Assim, enquanto caminhava pelo Calçadão, o pesquisador atribuiu sentido aos sons que percebeu (FORTUNA, 2013). Durante as caminhadas, realizaram-se gravações estacionárias do tipo panoramas sonoros, nas quais se permaneceu por cerca de um a três minutos em locais específicos do Calçadão a fim de capturar e registrar sons em determinados contextos históricos, culturais e sociais (DREVER, 2009; FELD, 2014). Para isso, utilizou-se um aparelho gravador portátil, estéreo e digital da marca Tascam, modelo DR-05 equipado com paravento e fone de ouvido com isolamento acústico.

Já as entrevistas possibilitaram caracterizar práticas e valores, bem como coletar indícios dos modos como sujeitos percebiam e significavam seus espaços vividos e descrever lógicas que presidiam relações instituídas no interior e entre grupos (DUARTE, 2004). Com isso, explorou-se a vivência e o sentido que os espaços tinham para os entrevistados e como eles experienciavam certas condições comuns (ANDRADE; HOLANDA, 2010). Buscando traduzir indagações da problemática e delimitar o volume de informações, optou-se pelo modelo semiestruturado de entrevistas, que combinou em um roteiro perguntas feitas pelo pesquisador em um contexto próximo ao de uma conversa (BONI; QUARESMA, 2005; ALAMI; DESJEUX; GARABUAU-MOUSSAOUI, 2010). As perguntas elaboradas e

utilizadas nas entrevistas foram organizadas nestes três blocos (MALANSKI, 2018):

- Primeiro bloco: 1) Você poderia me falar um pouco sobre o que você faz aqui no Calçadão?; 2) Em quais locais do Calçadão você costuma ficar? Por quê?; 3) Com que frequência você vem ao Calçadão?; 4) Em quais horários do dia você costuma ficar no Calçadão? Por quê?; 5) Nos dias em que você está aqui no Calçadão, quanto tempo, em média, você costuma ficar?
- Segundo bloco: 6) Como são os sons que você produz? Você poderia descrevê-los?; 7) Você utiliza algum equipamento para produzir seus sons? Por quê?; 8) Qual é seu público-alvo? Quais pessoas que estão por aqui você espera chamar atenção?; 9) Você percebe alguma resposta dessas pessoas? Quais?; 10) Pensando no que você faz aqui, o que esses sons significam para você?; 11) Existem sons que atrapalham o que você faz? Se existir, quais são eles e por que te atrapalham?
- Terceiro bloco: 12) Em qual ano você nasceu?; 13) Em qual cidade?; 14. Em qual cidade você mora?; 15) Há quanto tempo você está em Londrina?; 16) Qual é sua profissão?; 17) Qual é sua ocupação atual?

Formou-se um quadro de amostras intencionais com 13 entrevistados considerados significativos para o propósito da pesquisa e capazes de descrever suas experiências no Calçadão, dentre eles locutores e gerentes de lojas, músicos de rua, evangelizadores e manifestantes. Optou-se pela realização das entrevistas com sujeitos responsáveis direta ou indiretamente por emissões de sons considerados

intensos percebidos na Avenida com base nas caminhadas. A eles, garantiu-se o anonimato mediante ciência e assinatura de termos de consentimento livre e esclarecido. As entrevistas foram gravadas quando autorizadas pelos participantes (MALANSKI, 2018).

Posteriormente, as diversas informações obtidas com os trabalhos de campo foram ajustadas. As entrevistas foram transcritas e interpretadas objetivando a fidelidade e os universos de vida cotidianos dos entrevistados, bem como a valorização do referencial teórico e das experiências em campo do pesquisador (TRIVIÑOS, 1987; ALVES; SILVA, 1992). 35 panoramas sonoros considerados mais significativos foram selecionados e editados por meio do *software* Audacity e, posteriormente, descritos e caracterizados, originando um catálogo que possibilitou identificar, evidenciar e registrar similaridades e contrastes entre os sons presentes no Calçadão (SCHAFER, 2011). Ainda, com base nesse catálogo, realizou-se o processo de cartofonia desses panoramas no mapa do projeto Radio Aporee, que, como forma de documentação, armazena e disponibiliza milhares de gravações de várias partes do mundo em um mesmo ambiente virtual em rede (Figura 1) (WALDOCK, 2011; ANDERSON, 2015; THULIN, 2016).

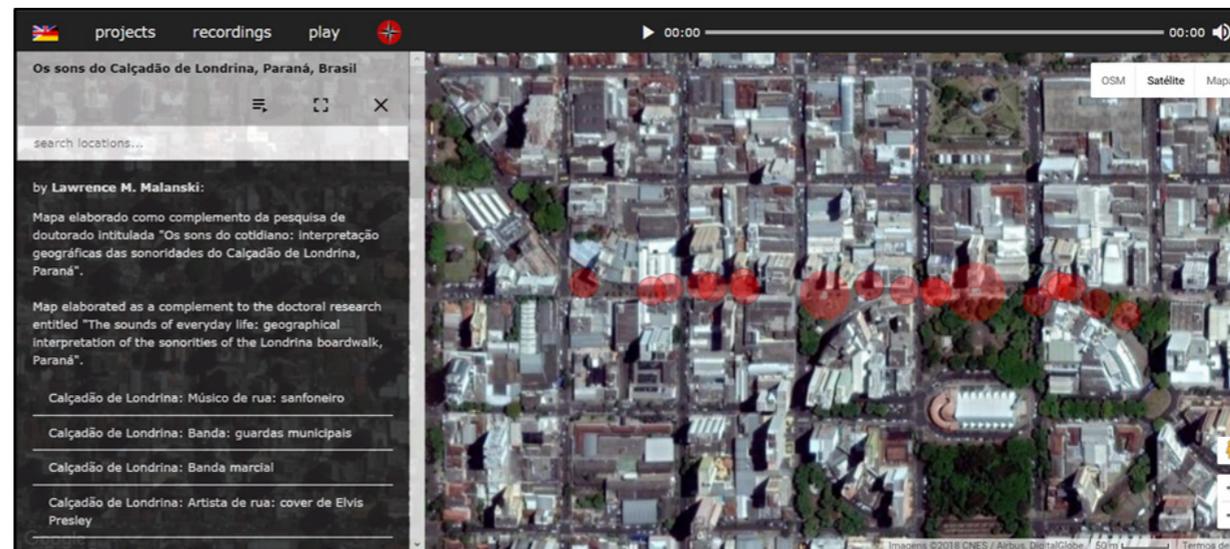


Figura 1: Projeto criado a partir da inserção dos panoramas sonoros gravados no mapa virtual da Radio Aporee. Todos os panoramas sonoros podem ser ouvidos por meio do endereço eletrônico <<http://bit.ly/2KCU7EC>>.

Fonte: MALANSKI, L. M., 2018.

INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA DAS SONORIDADES DO CALÇADÃO DE LONDRINA

Os espaços do Calçadão de Londrina favorecem o desenvolvimento de diferentes atividades cotidianas, sejam nos próprios espaços públicos quanto nos privados, ao longo de sua extensão, por sujeitos e grupos que não se conhecem socialmente de maneira íntima. A presença em conjunto e o contato dessas pessoas resultam em cenas cotidianas que variam conforme os ritmos dos espaços em que ocorrem. Essas relações são, sobretudo, funcionais e marcadas pela impessoalidade, o que possibilita que se mantenham as distâncias entre os diferentes sujeitos envolvidos (MALANSKI, 2018).

Em interações constantes com os espaços vividos, as atividades cotidianas redefinem as organizações do público e privado do Calçadão, alteram significativamente as paisagens e estabelecem os ritmos urbanos. Elas decorrem, ainda, em compartilhamentos e apropriações dos espaços, no estabelecimento de limites e no exercício de poder por parte daqueles que agem nos espaços apropriados. As antropofonias decorrentes dessas atividades predominam na Avenida e se alteram constantemente em virtude do passar das horas, dos dias da semana e, mesmo, dos meses do ano. Desse modo, os sons, modificam as cenas públicas e são, simultaneamente, transformados por elas (MALANSKI, 2018).

Apesar dessa característica transitória, a dimensão sonora do Calçadão tem seu fundo composto por sons emitidos continuamente pelos motores à combustão dos automóveis que trafegam dia e noite pelas ruas e avenidas que cruzam o local e, por vezes, transitam por ele mesmo. A presença regular desses sons nos espaços contrasta com o propósito de construção desse tipo de rua, dedicada à circulação de pedestres (MALANSKI, 2018).

A invasão pelos sons dos automóveis dificulta o convívio social e o desenvolvimento de diversas atividades no Calçadão, pois ela atrapalha a comunicação entre as pessoas e as forçam a competirem com o propósito de que sejam ouvidas. Conseqüentemente, as atividades realizadas na Avenida que emitem intencionalmente sons como estratégias a fim de se destacarem tendem a aumentar as intensidades sonoras. Também, essa invasão contribui para que as poucas biofonia e geofonia existentes na Avenida sejam ocultadas. Como consequência disso, dentre estes sons, somente os mais intensos, como os emitidos pelas cigarras na primavera³, por bandos de pássaros ou os efeitos de uma chuva forte conseguem se sobressair durante os dias e horários de maior movimentação (MALANSKI, 2018).

Apesar da presença constante dos sons dos automóveis, eles, por si mesmos, não caracterizam completamente os espaços do Calçadão. Durante os dias e períodos de maior agitação na Avenida, somam-se a esses sons de fundo o burburinho dos pedestres e ganham destaque os sons intensos utilizados como estratégias de ambientação durante a realização de atividades comerciais, religiosas, artísticas e políticas, além de eventos específicos, tanto nos espaços públicos, quanto nos privados. Para tanto, sujeitos e grupos responsáveis pelas emissões utilizam equipamentos, técnicas e estratégias que possibilitam a manipulação das intensidades e espacialidades dos sons e que, como resultado, permitem o domínio de frações dos espaços públicos. Com a intenção de disputar e atrair atenções dos pedestres para propósitos diversos, os sons utilizados na composição dessas ambiências possuem funções comparáveis às das iscas (MALANSKI, 2018).

Os domínios dos espaços marcados por sons imperialistas resultam no estabelecimento de apropriações dispostas simultaneamente como

³ Cigarras: panorama sonoro disponível em <<http://bit.ly/2lCPutS>>. Acesso em 5 mar. 2018.

mosaicos, cujas peças, notadamente pelos sons, se sobrepõem no Calçadão. Enquanto marcas de processos de apropriações dos espaços públicos, os sons retratam, também, modos de agir e sentimentos de pertencimento de sujeitos e grupos. No entanto, a alternância de usos do Calçadão e das edificações próximas a ele, faz com que algumas apropriações tenham caráter cíclico e outras intermitente, organizadas conforme dinâmicas próprias, ou mesmo, na forma de eventos específicos. Quando essas dinâmicas coincidem em espaços e tempos, sobrepõem-se sonoridades de ambiências contrastantes, tais como os sons emitidos pelos sinos da Catedral e pelas diferentes atividades realizadas no próprio Calçadão (MALANSKI, 2018).

Os sons desses sinos anunciam missas e celebrações que acontecem em dias, horários e datas específicas na Catedral. Logo, eles não marcam a passagem regular das horas, pois ocorrem como eventos. No entanto, esses sons identificam a Igreja Católica enquanto instituição e estabelecem uma comunidade acústica. Os ouvintes que participam da comunidade atribuem a essas sonoridades sentidos e significados relacionados aos contextos das atividades da Catedral e as celebrações da Igreja⁴ (MALANSKI, 2018).

Apesar de seguirem a rotina das atividades da Catedral, as emissões dos sinos se adequam aos outros ritmos do cotidiano e são influenciadas, principalmente, pela dinâmica de funcionamento do comércio. Desse modo, o desenvolvimento das atividades comerciais demonstra exercer maior influência nos ritmos cotidianos do Centro da cidade se comparado às atividades da Catedral. Durante os dias e horários de funcionamento do comércio, esses sons se sobrepõem e contrastam com diversas sonoridades de origens mecânicas e eletrônicas. Sendo

assim, os sons dos sinos conformam um tipo de enclave, pois ocorrem em situações de clausura (MALANSKI, 2018).

Predominam no Calçadão as sonoridades decorrentes das atividades comerciais. Dos equipamentos amplificadores e reprodutores de sons instalados nos espaços de transição entre lojas e a Avenida provém sonoridades intencionalmente emitidas com o propósito de atrair compradores para os interiores desses estabelecimentos. Dentre essas, destacam-se as reproduções esquizofônicas de rádios e músicas populares e vinhetas comerciais, locuções gravadas, além dos pregões dos locutores que atuam como “cartões de visitas” dos estabelecimentos (Figura 2). Como essas sonoridades possuem, normalmente, intensidades elevadas e são emitidas de modo a terem seus alcances controlados, elas são capazes de invadir e dominar, além dos espaços públicos, outros espaços privados, como lojas, escritórios e residências próximas (MALANSKI, 2018).

No Calçadão, essas sonoridades invasoras provenientes de espaços privados se sobrepõem aos sons resultantes de atividades diárias realizadas na própria Avenida por vendedores informais, propagandistas volantes, evangelizadores e artistas (como músicos, bandas, atores e imitadores) (Figura 3), além de, esporadicamente, por manifestantes e figuras públicas. Em um caso curioso observado, anúncios da presença na cidade de um circo vinham, até mesmo, de um pequeno avião que esporadicamente sobrevoava o entorno do Calçadão equipado com caixas amplificadoras de som. Tal como acontece com as sonoridades provenientes das lojas, esses sons também invadem e dominam espaços privados e, mesmo, outros espaços onde se desenvolvem atividades de rua. Desse modo, os sons, enquanto instrumentos físicos e produtos simbólicos da construção de apropriações, evidenciam a confusão e a indistinção entre os limites dos espaços públicos e privados (MALANSKI, 2018).

⁴ Catedral de Londrina: panorama sonoro disponível em <<http://bit.ly/2lwL2g1>>. Acesso em: 5 mar. 2018.



Figura 2: Equipamentos amplificadores em lojas e locutor. Panoramas sonoros disponíveis em http://bit.ly/2lXo60c e http://bit.ly/2lArzLq respectivamente. Acesso em: 5 mar. 2018.
Fonte: MALANSKI, L. M., 2018.

Também, as invasões dos espaços públicos e privados por sons alheios podem resultar em provocações, disputas e conflitos, especialmente, nos casos em que vontades e marcas individuais ou de grupos são impostas a todos os demais. Nesse sentido, observou-se no Calçadão, por exemplo, o uso de dobrados militares por manifestantes favoráveis a intervenção militar no governo brasileiro com o objetivo de provocar bancários de sindicatos considerados por eles de esquerda, além de um conflito entre moradores de prédios limítrofes ao Calçadão e integrantes de um grupo de maracatu que se apresentava na 1ª Parada LGBT de Londrina. Nesse conflito, ovos foram atirados pelos moradores sobre o grupo (Figura 4) (MALANSKI, 2018).

De outro modo, as propriedades invasivas dos sons provocam, também, o estabelecimento de relações amistosas de compartilhamento dos espaços. Nesse sentido, por exemplo,

um locutor de loja entrevistado afirmou que estabeleceu com um colega de profissão de uma loja próxima um acordo informal com um tipo de revezamento entre as falas dos profissionais para que ambas pudessem ser ouvidas e entendidas pelos pedestres no Calçadão, evitando, com isso, a sobreposição. Também, observou-se interações entre sujeitos e grupos situados tanto em espaços públicos, quanto privados, como pessoas em janelas e sacadas de apartamentos e escritórios, terraços de edifícios e interiores de lojas que acompanhavam e



Figura 3: vendedores informais, propagandista volante, evangelizador e músicos de rua. Panoramas sonoros disponíveis em http://bit.ly/2lwLBGF, http://bit.ly/2lzmweb, http://bit.ly/2lwGJBk e http://bit.ly/2NogjwL, respectivamente. Acesso em 5 mar. 2018.
Fonte: MALANSKI, L. M., 2018.



Figura 4: Manifestantes favoráveis à intervenção militar e apresentação de um grupo de maracatu durante a 1ª Parada LGBT de Londrina. Panoramas sonoros disponíveis em <<http://bit.ly/2lycGcA>> e <<http://bit.ly/2lAwpZ8>>, respectivamente. Acesso em: 5 mar. 2018.

Fonte: MALANSKI, L. M., 2018.



Figura 5: Ação comercial com participação de uma banda marcial e apresentação teatral. Panoramas sonoros disponíveis em <<http://bit.ly/2lAstYr>> e <<http://bit.ly/2KDK2Hw>>, respectivamente. Acesso em: 5 mar. 2018.

Fonte: MALANSKI, L. M., 2018.

curtiam ações comerciais e apresentações artísticas (Figura 5) e apoiavam manifestações realizadas no Calçadão (MALANSKI, 2018).

Além dos usos sociais coletivos, o poder público atua no local representado, especialmente, pelo seu órgão responsável pela fiscalização do Código de Posturas. A presença constante dos fiscais na Avenida demonstra uma tentativa de controle das atividades que se desenvolvem tanto nos espaços públicos, quanto nos privados, coibindo, assim, a realização de atividades não autorizadas ou em lugares e horários não permitidos e perturbações do sossego por meio de sons com intensidades consideradas abusivas (Figura 6). Apesar desse código proibir a realização nos espaços públicos de pregões de mercadorias em voz alta e de propagandas orais, eles são práticas cotidianas toleradas pela fiscalização, o que não cria, normalmente, conflitos de usos envolvendo o poder público, sujeitos e grupos nesses espaços (MALANSKI, 2018).

Também, a preocupação de algumas pessoas, sobretudo lojistas, em evitar problemas com a fiscalização evidencia a influência do poder público no desenvolvimento das atividades cotidianas e a sua busca por regular as intensidades e espacialidades dos sons que delas resultam. Porém, a desconfiança em relação a realização da fiscalização, como foi observado em campo, sugere que essas diretrizes estabelecidas são intencionalmente transgredidas na ausência dos fiscais (MALANSKI, 2018).



Figura 6: Fiscalização de um órgão da prefeitura do Código de Posturas Municipal.
Fonte: MALANSKI, L. M., 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se contribuir para o aperfeiçoamento dos estudos dos sons das cidades por geógrafos, principalmente, com base nas perspectivas teóricas e metodológicas desenvolvidas. No entanto, não houve intenção de generalizar os resultados da interpretação realizada para qualquer outro local ou época. Isso, pois, os sons são tanto produtos quanto produtores dos espaços e caracterizam formas e ritmos de como as pessoas vivem neles. Suas características efêmeras, somadas às subjetividades dos sujeitos que os percebem diariamente, atribuem aos espaços do Calçadão de Londrina aspectos únicos atrelados aos contextos sociais, espaciais e temporais em que se formaram.

Com base nos resultados da interpretação realizada, afirma-se que os sons estão diretamente relacionados aos usos e as formas de organização dos espaços do Calçadão por terem suas propriedades físicas mais invasivas intencionalmente manipuladas por sujeitos e grupos que atuam diariamente tanto nos espaços públicos quanto privados ao longo de sua extensão como estratégias para ambientar os espaços e apropriá-los. Conseqüentemente, ocorrem disputas, conflitos e, mesmo, o compartilhamento de espaços públicos e privados decorrentes de invasões de sons e das constantes sobreposições de espaços apropriados. ○

REFERÊNCIAS

- ALAMIS, Sophie; DESJEUX, Dominique; GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle. **Os métodos qualitativos**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 2, p. 61-69, 1992. Disponível em: <<http://bit.ly/2Lg5CDI>>. Acesso em: 5 mar. 2018.
- ANDERSON, Isobel. Soundmapping beyond the grid: alternative cartographies of sound. **Journal of Sonic Studies**, v.11, 2015. Não paginado. Disponível em: <<http://bit.ly/2Le4oZa>>. Acesso em: 5 mar. 2018.
- ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos**

Geografia dos sons cotidianos: as sonoridades do calçadão de Londrina, Paraná
Lawrence Mayer Malanski

de Psicologia, Campinas, v.2, n.27, p. 259-268, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2LfBCaG>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

ARKETTE, Sophie. Sound like city. **Theory, Culture & Society**, Londres, v. 21, n. 1, p. 159-168, 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/2LeVmeg>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <<http://bit.ly/2LdRxWN>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

CASALEIRO, Paula; QUINTELA, Pedro. As paisagens sonoras dos Centros Históricos de Coimbra e do Porto: um exercício de escuta. **Anais...** VI Congresso Português de Sociologia: mundos sociais - saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, p. 1-13. 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2LfY2bv>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 2014.

CONSTANTINO, Regina Marcia; FERREIRA, Yoshiya Nakagawara. Por uma sonoridade geográfica: do grito pré-histórico aos sons de Titã. **Anais...** Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina, 2005, p. 1-16. Disponível em: <<http://bit.ly/2LdSD4R>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DREVER, John. Soundwalking: aural excursions into the everyday. In: SAUNDERS, James (org.). **The ashgate research companion to experimental music**. Aldershot: Ashgate, 2009, p. 163-192. Disponível em: <<http://bit.ly/2Le5Bja>>. Acesso em 5 mar. 2018.

DROUMEVA, Milena. The music must always: redefining the public and private. **Soundscape**, Fairfield, v. 5, n. 2, p. 23-25, 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/2LglcO8>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 24, p. 213-225. 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/2Lc1zrk>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

FELD, Steven. Pensando na gravação de paisagens sonoras. **Música e Cultura**, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 1. 2014. Não paginado. Disponível em: <<http://bit.ly/2LfwQF3>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

FORTUNA, Carlos. **Identidades, percursos, paisagens culturais**: estudos sociológicos de cultura urbana. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2LauXyp>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

FORTUNA, Carlos. Imagens da cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 51, p. 21-41, 1998. Disponível em: <<http://bit.ly/2LgVWIA>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

GARCIA, Luiz Henrique Assis; MARRA, Pedro Silva. Praças polifônicas: o som e a música popular como tecnologias de comunicação no espaço urbano. **Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, 2016. Não paginado. Disponível em: <<http://bit.ly/2Lfz4nT>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

GUIU, Claire. Espaces sonores, lieux et territoires musicaux: les géographes à l'écoute. **Vox geographica**, 2007. Não paginado. Disponível em: <<http://bit.ly/2LfsTVV>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. **PET Geografia**, Porto Alegre, 2004. Não paginado. Disponível em: <<http://bit.ly/2LdIHZ6>>. Acesso em: 18 maio 2018.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Sobre nexos entre espaço, paisagem território em um contexto cultural. In: SERPA, Angelo (org.). **Espaços culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 293-312. Disponível em: <<http://bit.ly/2LgQO79>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

Geografia dos sons cotidianos: as sonoridades do calçadão de Londrina, Paraná
Lawrence Mayer Malanski

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**, São Paulo, v. 10, n. 17, p. 18-29, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2LfZN8B>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 3, p. 1-52, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2LcP5zQ>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

INNERARITY, Daniel. **O novo espaço público**. Lisboa: Texto Editores, 2010.

KRAUSE, Bernie. **A grande orquestra da natureza**: descobrindo as origens da música no mundo selvagem. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LA BARRE, Jorge. Poder, território, som: alguns comentários. **El oído pensante**, Buenos Aires, v. 2, n.1. 2014. p. 1-17. Disponível em: <<http://bit.ly/2Lg824T>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

LONDRINA. Lei Municipal n. 11.468, de 29 de dezembro de 2011. Institui o Código de Posturas do Município de Londrina. **Código de Posturas do Município de Londrina**. 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2Lefzkk>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

LONDRINA. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina. **Contagens de tráfego**. 2016. Não paginado. Disponível em: <<http://bit.ly/2LbzOPH>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

LONDRINA. Prefeitura Municipal. **Lei municipal regulamenta apresentação de artistas de rua em logradouros públicos**. 2014. Não paginado. Disponível em: <<http://bit.ly/2Lg8fVJ>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

MALANSKI, Lawrence Mayer. **Os sons do cotidiano**: interpretação geográfica das sonoridades do Calçadão de Londrina, Paraná. 2018. 206 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2wtROOL>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

PANTALEÃO, Sandra Catharinne; ROMERO, Marta Adriana Bustos. Análise ambiental do espaço urbano: o calçadão de Londrina. **Anais... 7º Seminário Internacional do Núcleo de Pesquisa em Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo**. São Paulo, 2008. Não paginado. Disponível em: <<http://bit.ly/2Lg1ov7>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.

SALGUEIRO, Tereza Barata. Paisagem e geografia. **Finisterra**, Lisboa, n.72, p. 37-53, 2001. Disponível em: <<http://bit.ly/2LhORaD>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

SCHAFER, Raymond Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Unesp, 2011.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2016.

SERPA, Angelo. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **GEOUSP**, São Paulo, n. 33, p. 168-165, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2Lg2pTX>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

THIBAUD, Jean-Paul. O devir ambiente do mundo urbano. **Redobra**, Salvador, n.9, p. 30-36, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2LgFsjt>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

THULIN, Samuel. Sound maps matter: expanding cartophony. **Social and Cultural Geography**, Londres, p. 1-19, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2Lg57Jt>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Geografia dos sons cotidianos: as sonoridades do calçadão de Londrina, Paraná
Lawrence Mayer Malanski

TRUAX, Barry. **Acoustic communication**. Norwood: Ablex Publishing Corporation 1984.

UEL SONORA (Londrina). **Documentários Paisagens Sonoras de Londrina**. Perfil do SoundCloud. Não paginado. Disponível em: <<http://bit.ly/2Lg36N3>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

VEDANA, Viviane. Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 11, n. 25, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2Le2tnv>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

WALDOCK, Jacqueline. Soundmapping: critiques and reflections on this new publicly engaging medium. **Journal of Sonic Studies**, Leiden, v.1, n.1, 2011. Disponível em <<http://bit.ly/2LgLEZ6>>. 5 mar. 2018.

WESTERKAMP, Hildegard. Soundwalking. **Autumn Leaves, Sound and Environment in Artistic Practice**. Paris: Double Entendre, 2007, p. 49-59.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Recebido em Março de 2018.

Revisado em Agosto de 2018.

Aceito em Outubro de 2018.

